

RESUMO

Quando relacionado à juventude, o lazer assume um importante papel na construção da identidade e condição de vida juvenil. Nesse sentido, esta pesquisa objetiva analisar os tempos e as práticas de lazer de jovens mulheres do campo de Mutãs-BA. Trata-se de um recorte temático da monografia intitulada “Significados e Sentidos do Lazer para os/as jovens de Mutãs–Guanambi–BA: relações entre os tempos, espaços e práticas”, desenvolvida pelo(as) pesquisador(as). Desse modo, tem-se como objetivos específicos: Identificar os tempos de lazer das jovens; descrever as principais práticas de lazer vivenciadas por elas, discutindo, assim, as relações entre o lazer e seus modos de vida no campo. Como base metodológica, valeu-se da pesquisa qualitativa, por meio da realização de uma pesquisa de campo, em que se fez uso do questionário e da entrevista individual. Neste texto, trabalharemos com os dados referentes a cinco jovens mulheres entre 19 e 28 anos. A pesquisa sinaliza a ausência ou o pouco tempo disponível para o lazer feminino, a interferência do trabalho, do contexto e dos compromissos. Evidencia ainda a restrição do tempo de lazer aos finais de semana. Mostra a importância de espaços como a praça, a igreja, nos quais as jovens vivenciam as práticas do lazer no campo.

Palavras-chave: Juventude do Campo; Mulheres; Lazer; Tempos e práticas.

ABSTRACT

When related to youth, leisure assumes an important role in the construction of the identity and condition of youth life. In this sense, this research aims to analyze the times and leisure practices of young women in the countryside of Mutãs-BA. This is a thematic clipping of the monograph entitled “Meanings and Meanings of Leisure for young people from Mutãs–Guanambi–BA: relations between times, spaces and practices”, developed by the researcher. In this way, the specific objectives are: To identify the leisure time of the young women; to describe the main leisure practices experienced by them, thus discussing the relationship between leisure and their ways of life in the countryside. As a methodological basis, qualitative research was used, through field research, in which a questionnaire and individual interview were used. In this text, we will work with data referring to five young women between 19 and 28 years old. The research indicates the absence or little time available for female leisure, the interference of work, context and commitments.

It also highlights the restriction of leisure time on weekends. It shows the importance of spaces such as the square, the church, in which young people experience leisure practices in the countryside.

Keywords: Countryside Youth; Women; Leisure; Times and practices

Submetido em: 02 de nov. 2022

Aceito em: 26 de jan. 2023

TEMPOS E PRÁTICAS DE LAZER DAS JOVENS DE MUTÃS-GUANAMBI-BA: A ESPERA PELO FIM DE SEMANA**LEISURE TIME AND PRACTICES OF YOUNG PEOPLE FROM MUTÃS-GUANAMBI-BA: WAITING FOR THE WEEKEND**

Tatiana Neves dos Santos¹ /
Daniela Cristina de Souza Gomes Leal² /
Domingos Rodrigues da Trindade^{2,*} /
Priscila Teixeira da Silva³

Palavras introdutórias

Discutir o lazer em uma sociedade capitalista é um desafio; porém, um desafio necessário, haja vista que o lazer é, muitas vezes, suprimido e até anulado diante dos outros direitos sociais. Muitos teóricos, como Dumazedier (2008a, 2008b), Marcellino (1987), Gomes (2004, 2008, 2014) e outros, ao longo do tempo, vêm realizando estudos com o propósito de compreender o complexo fenômeno do lazer e, embora não haja um consenso conceitual e discursivo, as pesquisas despertam para a importância de investigações no campo e também para sua real efetivação, destacando sua influência na formação do sujeito nos âmbitos pessoal, social e cultural.

¹Rede Privada de Educação, Guanambi, Bahia - Brasil.

²Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Guanambi, Bahia - Brasil.

³Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Bom Jesus da Lapa, Bahia - Brasil.

*E-mail para correspondência: dtrindade@uneb.br

Seja discutido isoladamente ou intercalado a outras dimensões, o lazer assume um lugar de autoafirmação, diante, muitas vezes, de sua negação social. Quando relacionado à juventude, o lazer passa a ser um dos mais importantes temas a serem discutidos, devido a sua grande influência na condição de vida juvenil. “Pode mesmo dizer-se que quem não quiser falar de lazer deve calar-se se sobre juventude quiser falar”. (PAIS, 1990b, p. 591). Dessa forma, é notória a estreita relação do lazer com os/as jovens, já que, dentre outras questões, pode estimular as relações sociais, favorecedoras do fortalecimento da cultura juvenil.

O direito ao lazer é garantido legalmente a todos, inclusive aos/às jovens, pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948; pela Constituição Federal de 1988; e, ainda, pelo Estatuto da Juventude de 2013, além de ser tratado como pauta em alguns programas de governos. Todavia, será que a juventude tem esse direito efetivado? E em se tratando do lazer feminino? Quais condições permeiam a garantia desse direito?

Esta pesquisa trouxe como finalidade responder à seguinte questão: Quais os tempos e práticas de lazer das jovens de Mutãs-Guanambi-BA? Para tanto, delimitou como objetivos específicos: Identificar os tempos de lazer das jovens; descrever as principais práticas de lazer vivenciadas pelas jovens, discutindo, assim, as relações entre o lazer e seus modos de vida no campo.

Aspectos metodológicos, contexto e as jovens da pesquisa

Esta pesquisa tem como princípio orientador os fundamentos da pesquisa qualitativa, por estar diretamente ligada à singularidade de suas participantes e também às representações que elas fazem da realidade. A pesquisa qualitativa, para Deslandes (2013, p. 21):

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Com base nessa abordagem, após o levantamento teórico sobre a temática, indispensável em qualquer estudo, foi realizada uma pesquisa de campo, que, para Marconi e Lakatos (2003, p. 186), é “[...] aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”. Com relação aos instrumentos de coleta de dados, fez-se uso do questionário e da entrevista, uma vez que o questionário

[...] constitui o meio mais rápido e barato de obtenção de informações, além de não exigir treinamento de pessoal e garantir o anonimato. Já a entrevista é aplicável a um número maior de pessoas, inclusive às que não sabem ler ou escrever. Também, em abono à entrevista, convém lembrar que ela possibilita o auxílio ao entrevistado com dificuldade para responder, bem como a análise do seu comportamento não verbal. (GIL, 2010, p. 103).

Foi realizada a aplicação do questionário e uma entrevista individual com cinco jovens (apenas uma não concedeu entrevista), que responderam ao questionário, cujos dados coletados sustentam a discussão desse recorte temático.

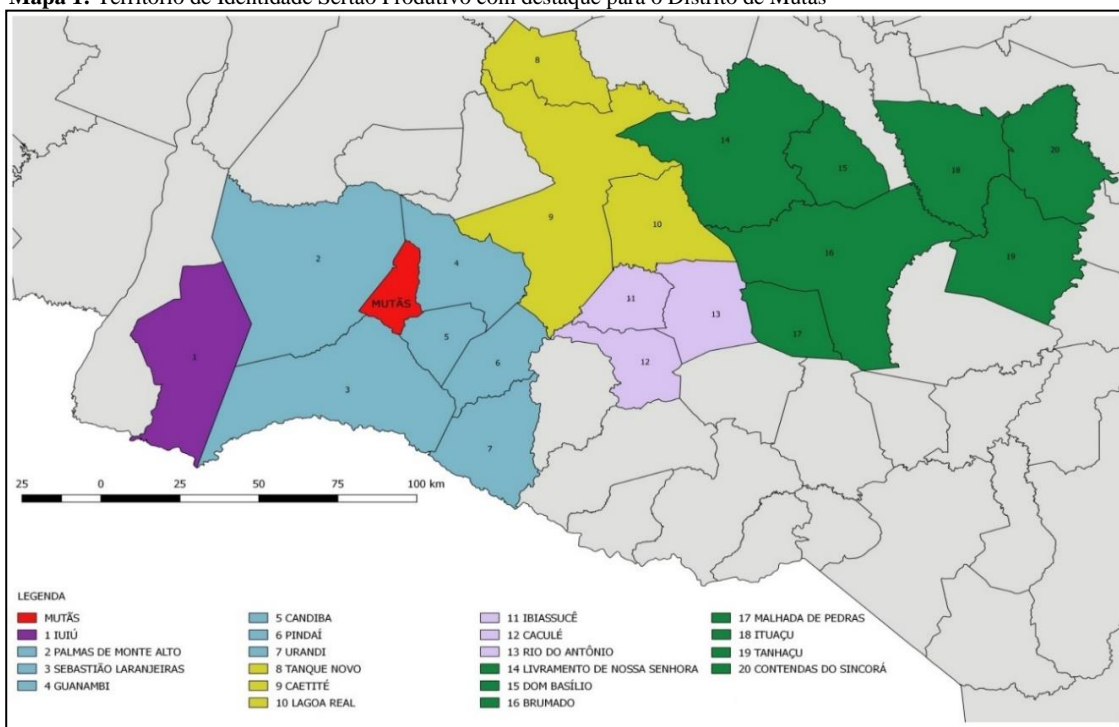
A entrevista realizada foi do tipo semiestruturada, que Deslandes (2013) caracteriza como aquela constituída por questões fechadas e abertas, de modo que possibilite ao entrevistado/a que discorra sobre a temática investigada, sem necessariamente se prender ao/à questionamento feito. Para a seleção das participantes os critérios adotados foram: idade entre 15 e 29 anos, que residissem no Distrito de Mutãs, seja na sede ou em comunidades vizinhas, além de características como religião, trabalho, estado civil, nível de escolaridade.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Para análise, utilizou-se dos princípios da análise de conteúdo, que é entendida por Bardin (2011, p. 37) como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Para esta autora, “as diferentes fases da análise de conteúdo, [...] organizam-se em torno de três polos cronológicos: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (2011, p. 125).

Ancoradas neste tipo de análise, as informações levantadas por meio dos questionários foram organizadas em quadro, no *word*, e após a transcrição das entrevistas, todo material foi impresso, de modo que facilitasse a exploração do conteúdo. Posteriormente à análise prévia, emergiram categorias temáticas, além daquelas pensadas anteriormente à coleta dos dados, que possibilitaram a discussão acerca dos resultados encontrados, tendo em vista os objetivos traçados.

O lócus da pesquisa foi o Distrito de Mutãs, pertencente ao município de Guanambi, localizado no Sudoeste da Bahia, especificamente no Território de Identidade Sertão Produtivo, a aproximadamente 720 km da cidade de Salvador, capital baiana. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio do último censo demográfico, a cidade possui uma população total de 78.833 habitante⁴, sendo que 62.565 constituem a população urbana e 16.268 a população rural. Já Mutãs possui 8.531 habitantes no total, sendo 5.613 habitantes de comunidades vizinhas ao distrito e 2.918 habitantes do perímetro que compreende a sede (IBGE, 2010).

Mapa 1: Território de Identidade Sertão Produtivo com destaque para o Distrito de Mutãs



Fonte: Mapa criado por Camilo Cesley Ramos Figueiredo, 2018

⁴Segundo dados do IBGE, em 2018 a população estimada é de 84.014 habitantes.

Embora muitos órgãos, bem como alguns/mas moradores/as não façam uso dessa caracterização, nesta pesquisa o distrito de Mutãs é caracterizado como rural. É válido lembrar que, desde o Estado Novo, todas as sedes dos municípios e distritos são identificadas como urbanas, e as primeiras como “cidades”, sem considerar suas características demográficas, estruturais e funcionais (VEIGA, 2003). Assim, a própria norma não leva em consideração aspectos que poderiam ser resultantes para classificar alguns locais como rurais. Dentre esses aspectos se destacam: a localização, a economia, os modos de produção, dentre outras peculiaridades:

Embora não haja um consenso entre os órgãos públicos e privados quanto à definição da comunidade como rural, para a Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA) [...] a comunidade como um todo é rural, já para o IBGE e a Secretaria Municipal de Educação a vila é considerada como espaço urbano. (SILVA, 2015, p. 65)

Considerando a faixa etária de 15 a 29 anos, o Distrito de Mutãs possui uma população total de 2.327 jovens, sendo 795 moradores da sede do Distrito e 1.532 de comunidades no entorno (IBGE, 2010). Levando em conta os dados do IBGE, é preciso ponderar que a população das comunidades é superior à população da sede. Embora não haja, para alguns, o reconhecimento formal desse espaço como rural, é preciso considerar a relação que o povo mutanense estabelece com o Distrito como um espaço camponês. A relação com a agricultura, a criação de animais e, especialmente, as formas de lazer desse povo deixam ecoar entre um espaço definido como urbano um emaranhado de traços sociais, econômicos e culturais, característicos do povo camponês.

Neste contexto emerge uma juventude plural, que constrói e reconstrói seus modos de vida, seja neste espaço ou compartilhando de vivências em outros locais. Desse grupo, colaboraram diretamente na construção desta pesquisa cinco mulheres, cujos nomes adotados são fictícios, a fim de não revelar a identidade das informantes. Ficou por conta de cada uma escolher o nome que melhor a representasse. Como essa proposta se deu no momento da entrevista, uma jovem que respondeu apenas ao questionário, recebeu um codinome selecionado pelas autoras (Quadro 1).

De modo geral, os dados apontam que 4 jovens moram na sede do Distrito de Mutãs, 1 mora em uma comunidade rural vizinha, e possuem idade entre 19 a 28 anos. 3 são casadas e 2 solteiras. 3 jovens se declaram como pardas e 2 como negras. No quesito escolaridade, 4 jovens dizem que não estudam mais, ou por terem concluído o Ensino Médio, ou por terem desistido dos estudos, e uma revela cursar o Ensino Superior. Todas as jovens declaram ter religião, sendo 2 católicas e 3 evangélicas. Com relação ao trabalho, 3 trabalham em diferentes profissões e 2 dizem não trabalhar, no momento da pesquisa.

Em relação aos nomes fictícios utilizados, é importante dizer que Marta foi aquela que respondeu apenas ao questionário, portanto as pesquisadoras escolheram um codinome fazendo referência a uma jogadora de futebol, pelo fato de a jovem ter citado esse esporte como uma das principais práticas de lazer. Maria escolheu esse nome por ser o nome da sua avó, Esmeralda por ser o nome de uma pedra preciosa que ela admira muito, Luíza escolheu esse codinome, por ser o nome da sua tia, e Kelly, por ser um nome que considera bonito.

Quadro 1: Codinomes das jovens e principais características

CODINOME	PERFIL
Marta	Endereço: Mutãs. Idade: 22 anos. Sexo: Feminino. Estado Civil: Solteira. Se autodefine como: Negra. Escolaridade: Concluiu o Ensino Médio e não estuda. Religião: Católica. Trabalha? Sim, como atendente de um bar.
Esmeralda	Endereço: Fazenda Brejo. Idade: 19 anos. Sexo: Feminino. Estado Civil: Solteira. Se autodefine como: Negra. Escolaridade: Cursando o Ensino Superior. Religião: Evangélica Trabalha? Não.
Maria	Endereço: Mutãs. Idade: 28 anos. Sexo: Feminino. Estado Civil: Casada. Se autodefine como: Parda. Escolaridade: Estudou até a 7ª série e não estuda. Religião: Evangélica. Trabalha? Não.
Luíza	Endereço: Mutãs. Idade: 24 anos. Sexo: Feminino. Estado Civil: Casada. Se autodefine como: Parda. Escolaridade: Concluiu o Ensino Médio e não estuda. Religião: Católica. Trabalha? Sim, ajuda o esposo em uma loja agropecuária.
Kelly	Endereço: Mutãs. Idade: 21 anos. Sexo: Feminino. Estado Civil: Casada. Se autodefine como: Parda. Escolaridade: Concluiu o Médio- Técnico e não estuda Religião: Evangélica. Trabalha? Sim, atendente de loja de roupas.

Fonte: Dados coletados por meio dos questionários, 2017

Juventude(s) do campo: diferentes olhares

A juventude ou as juventudes, como indicam Novaes (2004) e outros/as autores/as, historicamente, até os dias atuais, se constituem de forma heterogênea, característica que dificulta a elaboração de um único conceito. Para muitos, se caracterizam como o “mal da sociedade”, para outros a “esperança do futuro”. Em momentos historicamente marcantes na sociedade brasileira, a figura do jovem foi importante nas lutas sociais e políticas. No Brasil, em comum a outros países, a juventude é entendida como a categoria responsável pela mudança, seja ela no campo social, cultural, ou político. À juventude são delegados “compromissos” futuros, mas o presente, muitas vezes, não é projetado ou mesmo valorizado.

Os/as jovens da sociedade contemporânea são marcados/as pela dependência e necessidade do capital, grandes desafios relacionados, por exemplo, ao trabalho, à educação, ao lazer, pois muitos ainda, em atenção particular à escola e ao poder público, não sabem lidar com essa diversidade, uma vez que ela é constituída de sujeitos com singularidades e identidades distintas, o que ocasiona uma pluralidade de conflitos.

O primeiro parágrafo do artigo 1º do Estatuto da Juventude Lei nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013, explicita que “[...] são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade” (BRASIL, 2015, p. 09). Porém, muitas teorias são pensadas para compreender a juventude. Pais (1990a) destaca a existência de duas correntes, a Geracional e a Classista. Para esse autor, a Corrente Geracional:

[...] toma como ponto de partida a noção de juventude quando referida a uma fase de vida, e enfatiza, por conseguinte, o aspecto unitário da juventude. A questão essencial a discutir no âmbito desta corrente diz respeito à continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais. (PAIS, 1990a, p. 152).

Esta corrente vê a juventude como um grupo etário homogêneo, classificando-a principalmente como uma fase da vida, considerando, portanto, o fator da idade. Porém, ao observar todos os aspectos provenientes da juventude, es-

pecialmente no que concerne à singularidade dos sujeitos que a compõem, é extremamente limitador considerá-la apenas como um meio de transição para a vida adulta. Já:

[...] para a corrente classista, a reprodução social é fundamentalmente vista em termos da reprodução das classes sociais. Por esta razão, os trabalhos desenvolvidos na linha desta corrente são, em geral, críticos em relação ao conceito mais vulgar de juventude - isto é, quando aparece associada a uma «fase de vida»— e acabam mesmo por ser críticos em relação a qualquer conceito de juventude, já que, mesmo entendida como categoria, acabaria por ser dominada por «relações de classe». De acordo com esta corrente, a transição dos jovens para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por mecanismos de reprodução classista, não apenas ao nível da divisão sexual do trabalho, mas também a outros níveis. (PAIS, 1990a, p. 157).

Para a Corrente Classista, a idade é apenas mais um fator, e não o elemento determinante; esta corrente leva em consideração todas as manifestações, especialmente as relações de classe, entendendo-as como parte da cultura juvenil. Dessa forma, ser jovem vai muito além de uma delimitação da idade. Para Abramovay, Castro e Waiselfisz (2015, p. 21), “[...] no campo das ciências sociais, há críticas ao uso da idade como único indicador, considerando a complexidade da categoria ‘jovem’, que se refere tanto ao estar jovem como ser pessoa e sujeito hoje e amanhã”. Logo, a faixa etária é um dos quesitos que pode ser usado para caracterizar o “ser jovem”, especialmente na elaboração e efetivação de políticas públicas, mas não pode ser considerado o único:

Podemos definir a juventude como uma categoria social. Tal definição faz da juventude algo mais do que uma faixa etária [...]. Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social [...]. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos (GROPPO, 2000, p. 7-8).

Discutida, a partir do fator etário, como uma fase da vida, ou por meio de representações sociais, ou ainda por outros critérios, a juventude é composta de uma diversidade de sujeitos que, apesar de conservarem características comuns, possuem particularidades que os diferem dos sujeitos da mesma categoria e principalmente de sujeitos não pertencentes à categoria em questão. Segundo Brenner, Dayrell e Carrano (2011), até no lazer é frequente a compreensão da juventude como uma realidade homogênea, talvez pela percepção de que o tempo da juventude, em geral, seria baseado essencialmente em momentos de diversão, prazer e distanciamento do mundo do trabalho. Deste modo, até no que diz respeito ao lazer, há equívocos quanto às generalizações feitas em torno desta categoria social. Logicamente que, se os/as jovens são heterogêneos/as, seus comportamentos, assim como outras questões ligadas a eles/elas se distinguem.

Por compreender a juventude como uma categoria heterogênea, é possível destacar a Juventude do Campo como uma das categorias que emergem da multiplicidade que origina esse grupo. Embora também não se tenha um único conceito acerca da Juventude do Campo, sua discussão é tecida especialmente pelo aspecto da heterogeneidade, pelo fato de os/as sujeitos/as do campo, bem como as relações que se desenvolvem nesse espaço serem múltiplos/as. Para Carneiro, Castro et al. (2007), a própria heterogeneidade das vivências e dos projetos de vida dos/das jovens impossibilita a caracterização da juventude como uma categoria homogênea, especialmente a Juventude do Campo, devido a sua forte relação com a agricultura familiar e pelo motivo de o campo, cada dia mais, se tornar, sob várias influências, um espaço diversificado.

Ainda que os/as jovens do campo mantenham relações particulares com esse espaço, especialmente do ponto de vista da construção da identidade, dos modos de produção, do lazer, dentre outros aspectos, segundo Carneiro; Castro et al. (2007), não é possível pensar a juventude do campo como uma realidade isolada das demais, uma vez que compartilham vivências e comportamentos que se assemelham ou se igualam aos de outros jovens, especialmente dos que vivem na cidade.

Historicamente, o povo do campo enfrenta um processo de invisibilização, seja científica, seja social. Um problema que infelizmente é enfrentado frequentemente pelos/as jovens do campo, em comparação com alguns outros sujeitos, especialmente da cidade, é o preconceito oriundo do espaço em que vivem. A maioria dos/as jovens pertencentes a esse contexto tem alguma experiência para contar acerca de situações por que passaram pelo fato de “serem da roça”. A escola, por exemplo, por muitas vezes foi, e ainda é, palco da disseminação de estereótipos que historicamente se consolidaram.

Portanto, “[...] diante dessa realidade o jovem do campo se vê num dilema: assume essa identidade e enfrenta todo o preconceito, ou a renega desestruturando essa ‘unidade social’, fato este que revela uma profunda crise identitária, mesmo que inconsciente” (SILVA, 2011, p. 33). Dessa forma, o preconceito sofrido pode ser o elemento que engendra uma crise da identidade juvenil, fazendo com que o sujeito negue, não declare pertencer ao contexto campesino, ou ainda migre para outros locais. Todavia, também pode ser um motivo de resistir e insistir em viver nesse espaço, no sentido de usufruir daquilo que ele tem a oferecer, e também na perspectiva de transformá-lo.

Além disso, “para muitos jovens rurais, a ausência de espaços de lazer e, muitas vezes, a inexistência de um projeto de educação continuada para a juventude rural contribuem para a avaliação negativa do Campo em relação à cidade e para o desejo de migração” (SILVA, 2009, p. 23). Todavia, “diminuir a distância em relação aos jovens da cidade no que diz respeito à educação, à informação e ao lazer é uma reivindicação comumente encontrada no meio rural. A cidade não é mais o único caminho para se ter acesso a esses bens [...]” (CARNEIRO; CASTRO et al., 2007, p. 63).

É perceptível, portanto, que, embora a cidade exerça um importante papel na vida dos/das jovens do campo, ela não tem sido, para alguns deles/as, a única possibilidade à vista, já que o campo denuncia a todo tempo a ausência de projetos que visem ao preenchimento das lacunas existentes em relação à cidade, principalmente no que concerne à educação, ao trabalho, e de modo particular ao lazer.

Lazer: algumas reflexões conceituais

Assim como para a juventude, também não há um conceito ou uma definição precisa para o lazer. Revelar suas interfaces tem sido um dos grandes desafios dos/as pesquisadores/as da área, podendo ser compreendido de várias formas em diferentes períodos históricos. Atualmente o lazer vem sendo pauta de muitas discussões no âmbito científico, social e político.

De acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, lazer pode ser definido como:

(ê). [Do lat. *licere*, ‘ser lícito’, pelo arc. *lezer*.] s. m. 1. Ócio, descanso, folga, vagar: “ ‘conversa mole’, ‘conversa fiada’, ‘papo’ implicam desocupação, lazer, senso do prazer e da volúpia” (Gilberto Amado, *Sabor do Brasil*, p. 31.) 2. Tempo de que se pode livremente dispor, uma vez cumpridos os afazeres habituais. 3. Atividade praticada nesse tempo; divertimento, entretenimento, distração, recreio. (FERREIRA, 2009, p. 1.189).

Defronte dos limites conceituais semânticos, vários/as autores/as como Marcellino (1987), Camargo (2003), Alves Júnior e Melo (2003), dentre outros/as, trazem contribuições relevantes acerca do lazer, algumas compreensões distintas, mas que também se relacionam. Diante da gama de concepções teóricas, a mais disseminada é a do sociólogo francês Joffre Dumazedier (2008b, p. 34), em que o lazer é entendido como:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repou-
sar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação
desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou de-
sembrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Para Dumazedier (2008a), o lazer é fruto das sociedades industriais e surge guiado por lutas operárias pela re-
dução da jornada de trabalho. Desse modo, “o lazer é um conceito inadaptado ao período arcaico. Nas sociedades pré-
industriais do período histórico, o lazer não existe tampouco” (DUMAZEDIER, 2008a, p. 26). As principais discussões
levantadas por este autor foram produzidas com base em pesquisas realizadas na Europa, especialmente no contexto
francês, tendo operários como principais participantes. Embora ele mesmo destaque que “o lazer é uma realidade fun-
damentalmente ambígua e apresenta aspectos múltiplos e contraditórios” (Idem, 2008b, p. 21), suas obras são univer-
salmente difundidas e, apesar dos limites e controvérsias, deram abertura para muitos outros estudos acerca do lazer.

Outra concepção que ganha destaque nas pesquisas, especialmente no Brasil, é defendida pela estudiosa da área
Christianne Luce Gomes (2008). Ela reconhece que a Revolução Industrial deu uma nova configuração ao lazer, porém
considera que, desde a Antiguidade, em especial na Grécia e em Roma, já existiam noções de lazer, contradizendo, as-
sim, Dumazedier.

Na Grécia, o termo usado para designar o tempo destinado a si mesmo, era *Skholé*; o filósofo Aristóteles consi-
derava-o como um estado filosófico, contemplado especialmente por meio da música, por aqueles que se distanciassem
do trabalho produtivo, visto como indigno (GOMES, 2008). “Na nossa compreensão geral de mundo, podemos perce-
ber, ao contrário dos gregos, uma supervalorização do trabalho; mesmo nas elites, muitos se orgulham ao afirmar que
quase não têm tempo livre ou momento de lazer” (ALVES JÚNIOR; MELO, 2003, p. 3).

Em Roma o *otium* era marcado por algumas práticas, como os concursos atléticos, os jogos, as corridas de car-
ro no circo, dentre outras. E os romanos, assim como se alternam hoje os momentos de lazer e trabalho, revezavam o
otium e o *nec-otium* (GOMES, 2008). A concepção de Gomes (2008, p. 125) retrata o lazer como:

[...] uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um
tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as neces-
sidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.

As duas construções teóricas trazem a discussão do lazer associada a outras esferas da vida humana, especial-
mente a relacionada ao trabalho, embora em diferentes perspectivas. Enquanto para Dumazedier (2008a; 2008b) o lazer
é oposto às obrigações institucionais, sejam elas religiosas, familiares, e de modo especial ao trabalho profissional, para
Gomes (2014, p. 07), “[...] a compreensão de lazer como uma esfera oposta ao trabalho não vem conseguindo proble-
matizar as complexidades e as dinâmicas que marcam as múltiplas dimensões da vida coletiva em diferentes âmbitos e
contextos, notadamente neste século XXI”. Portanto, para essa autora, o lazer mantém um diálogo com as demais di-
mensões sociais, e não ocorre de forma isolada.

Gomes ainda afirma que é indispensável distinguir um conceito ocidental que define o lazer como oposto ao trabalho e a outras obrigações, de outras compreensões ainda em construção, que destacam o lazer como uma prática social da vida, dotada de um tempo/espaço social.

Na Idade Média, o lazer também assume um espaço de “interesse”, especialmente por parte da Igreja, “[...] o não-trabalho deixa de ser encarado como apenas um vício e passa a ser considerado inimigo do trabalho e um dos maiores pecados ao qual se pode submeter a espécie humana: ‘O trabalho enobrece o homem, o ócio não’” (ALVES JÚNIOR; MELO, 2003, p. 05). No período medieval qualquer prática que ferisse os princípios da Igreja, fossem o riso, as festas, os jogos, ou qualquer tipo de divertimento, eram caracterizados como atitudes imorais, portanto pecaminosas (GOMES, 2008). O controle, as proibições se intensificaram “[...] durante a Inquisição, no século XIII. A Igreja procurou reforçar seu poder e unidade de forma repressora, condenando à fogueira os praticantes de heresias, como festas profanas, carnavais, jogos, saraus e serões, entre outros divertimentos” (Ibidem, p. 41).

Fortemente marcada pela luta e resistência operária, além dos aspectos tempo/espaço, já que “nas civilizações antigas, ou mesmo nas primeiras fases da época medieval, a vida social ainda não era fragmentada e mecanizada, regida por meio do controle do tempo artificial” (Ibidem, p. 39), a Modernidade talvez seja o marco temporal revolucionário, especialmente no que concerne ao lazer. As diversões eram vistas como uma ameaça à ordem vigente, pois eram entendidas como opostas ao trabalho. Além disso, era no lazer que os trabalhadores refletiam sobre e adotavam estratégias de resistência à opressão (ALVES JÚNIOR; MELO, 2003).

É nesse período, de modo especial a partir da Revolução Industrial, que vários conceitos e discussões são levantados. Assim como Dumazedier (2008a), outros estudiosos compartilham da ideia de que o lazer do modo como está configurado surge nesse contexto. Porém, é impossível desconsiderar todas as manifestações existentes na Antiguidade, na Idade Média, e em outros períodos históricos que marcaram a vida humana.

De acordo com Alves Júnior e Melo (2003, p. 13),

no Brasil, no quartel final do século XIX, surgem as primeiras organizações operárias, que já então defendiam a redução da jornada de trabalho. Desde as primeiras greves, os trabalhadores lutaram por um tempo disponível maior, a exemplo do que ocorrera e ocorreria na Europa.

Em território brasileiro, a discussão acerca do lazer se inicia principalmente atrelada ao conceito de recreação, torna-se comum, dessa forma, o uso de dois termos a se dizer: “recreação (por influência norte-americana) e lazer (por influência europeia). Essa dupla denominação persiste até hoje entre nós, em geral sendo o primeiro termo empregado para designar o conjunto de atividades e o segundo para abordar o fenômeno social” (ALVES JÚNIOR; MELO, 2003, p.14-15).

Gomes (2008, p. 95) destaca que, “embora o sentido de recreação norte-americano não tenha sido reduzido aos jogos e atividades prazerosas organizadas para as crianças, foi, sobretudo com este significado que ela foi difundida no Brasil”. Ainda que desprovida dessa intenção conceitual, a limitação do termo recreação a um conjunto de atividades reduziria, portanto, a possibilidade de compreensão de todos os elementos complexos e contraditórios que incorporam o lazer:

As atividades ‘recreativas’ eram entendidas como forma de manutenção da saúde e recuperação da força de trabalho [...]. Assim, depressa se estabeleceu uma forte relação do profissional de educação física, encarado como o de formação mais adequada para atuar no campo da “recreação” que se estruturava. (ALVES JÚNIOR; MELO, 2003, p. 14).

Dumazedier (1975), citado por Gomes (2008, p. 107), “[...] esclarece que, nos anos de 1950, a palavra recreação foi substituída pelo vocábulo lazer na sociedade norte-americana, assumindo um sentido diferente e muito mais abrangente do que a simples ação recreativa”. No Brasil, desde a década de 1970 notou-se a diminuição de estudos relacionados à recreação e conseqüentemente um aumento de produções que discutem o lazer (GOMES, 2008).

Diante de todos os percalços enfrentados na consolidação do lazer, especialmente como um direito social, ele ainda é visto por muitos de forma negativa, uma vez que muitas vezes é relacionado à preguiça. Há ainda declarações de que é no lazer que o sujeito propaga a desigualdade, além de ser nessas vivências que especialmente os jovens ficam vulneráveis a envolvimento em práticas consideradas ilícitas à sua vivência, a exemplo do consumo de bebidas alcoólicas, drogas, dentre outros.

Não é possível negar essas possibilidades, já que “[...] a valorização unilateral do lazer apresenta também uma série de riscos, como as possibilidades de sua utilização como fuga, fonte de alienação e simples consumo” (MARCELLINO, 1987, p. 23). Essa ideia, no atual contexto, é ainda mais reforçada socialmente, quando se trata da juventude. “Não é incomum que a sociedade enxergue nessas culturas traços de marginalidade quando estas fogem ao social e culturalmente esperado pela ‘adulterez’ dominante de determinada época histórica [...]” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2011, p. 176).

Entretanto, apesar das visões estereotipadas, não se pode negar a importância do lazer para o desenvolvimento social dos/das jovens, uma vez que, especialmente nessas vivências, eles/as se sentem “livres” a expor seus gostos, seus comportamentos e seus traços culturais; “[...] as culturas juvenis são vincadamente performativas porque, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe” (PAIS, 2006, p. 7). “É principalmente nos tempos livres e nos lazeres que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias e modos de ser que os diferenciam do denominado mundo adulto” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2011, p. 176).

Como já citado, a Constituição Brasileira, por meio do Art. 6º, garante que “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer [...]” (BRASIL, 2013, p.7). Portanto, todos, inclusive os jovens têm direito ao lazer, como sendo um direito social, e esse direito não pode ser negado, uma vez que é garantido constitucionalmente. Outro aporte legal que garante o lazer como um direito é o Estatuto da Juventude/2013 em seus artigos 28, 29 e 30, apesar de retratá-lo apenas voltado às práticas esportivas, assim como alguns programas federais, desconsiderando, assim, outras possibilidades. Tendo em vista o lazer como um direito social, é importante que os sujeitos disponham de tempos e espaços que favoreçam as diversas práticas.

O lazer ocupa um espaço importante dentro do leque de questões que atravessam a vida dos/as jovens, tendo em vista a busca de compreensão da categoria juventude. Helena Abramo (1994), citada por Pereira (2007, p. 12), “[...] aponta o lazer como uma das dimensões mais significativas na vida dos jovens, sendo este um espaço importante para a sociabilidade e estruturação de identidades individuais e coletivas”. Deste modo, para a Juventude do Campo toda essa compreensão também se aplica, uma vez que o lazer muitas vezes é visto como determinante, pelos jovens, para o próprio reconhecimento do campo como espaço de produção da vida e de sua existência.

Todavia, percebe-se que às vezes falta incentivo à juventude, acerca do acesso às múltiplas possibilidades de vivência do lazer, seja na forma de projetos culturais ou sociais, incentivos ao esporte, espaços como teatros, cinema, dentre outros. Muitas vezes a única coisa que os órgãos, tanto públicos, quanto privados, oferecem, são práticas esporádicas em que os/as jovens só são vistos como disseminadores/as de interesses do mercado consumidor, que tem em vista apenas a incitação ao consumo dos produtos e serviços por parte da juventude. É preciso salientar que todo esse processo de construção conceitual perante as configurações assumidas ao longo do tempo é um subsídio na construção da compreensão dos sujeitos, especialmente dos/das jovens, sobre o lazer e da importância que ele assume em suas vidas.

Tempos e práticas de lazer das jovens de mutãs: *“se eu tivesse mais tempo pra curtir, pra me divertir, eu seria mais... mais feliz.”*

Os tempos e as práticas constituem um conjunto de elementos que em termos conceituais, como atitudinais, se configuram como fortes subsídios para o lazer, considerando que, alguns/mas dos/as principais autores/as da área, já referenciados/as aqui, trazem em suas definições esses conceitos, ou outros, porém com o mesmo sentido.

Cabe destaque a ideia de Gomes (2008, p. 125-126), quando ela explicita que:

O lazer é construído socialmente, em nosso contexto, a partir de quatro elementos inter-relacionados: **Tempo**, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer (final de semana, férias, etc.); **espaço-lugar**, que vai além do espaço físico por ser um “local” do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro consigo, com o outro e com o mundo, além de convívio social para o lazer; **manifestações culturais**, conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento; **atitude** ou ações, que são fundadas no lúdico- entendido como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade.

Para esta autora, portanto, o lazer ocorre em um tempo/espaço que vai além daquilo que foi socialmente institucionalizado, ou seja, o tempo não se resume aos finais de semana, bem como os espaços vão além de sua dinâmica física, se constituem como um ambiente social, no qual os sujeitos vivenciam as diversas manifestações da cultura por meio das mais distintas ações.

Como já foi dito no decorrer desta discussão, o tempo, do modo como está configurado em relação ao lazer, é fruto da modernidade. Tendo como base os estudos de Gomes (2008) e de outros/as autores/as, é possível afirmar que todo fenômeno ocorre em um tempo/espaço, o que não significa dizer que o lazer deva estar presente apenas nos tempos e espaços institucionalizados. Ressaltando que esse tempo vai além do cronológico, entende-se como um tempo social:

Essa discussão é fundamental para os estudos do lazer uma vez que o fenômeno social lazer, da forma como se constituiu e se desenvolveu na sociedade moderna industrial, gestou-se a partir da organização do tempo social, especialmente considerando o tempo disponível para práticas culturais de livre escolha dos sujeitos. (PINTO, 2004, p. 19-20).

Essas abordagens permitem o questionamento sobre certos comportamentos identificados no atual contexto. É perceptível, por exemplo, uma exaltação das férias, do final de semana, especialmente da sexta-feira, como se os outros dias da semana, ou os outros períodos da vida não apresentassem possibilidades similares. Esta compreensão leva ao entendimento do “[...] tempo como uma construção social, que não existe sem o sujeito. O tempo é humano” (PINTO, 2004, p. 18).

Ao serem questionadas sobre como analisam o tempo destinado ao lazer hoje em dia pelas pessoas, as jovens dividem as opiniões entre a ausência, o pouco tempo e a necessidade de mais tempo, a interferência do trabalho, do contexto e dos compromissos que cada uma assume, a restrição do tempo de lazer a finais de semana e férias. Esta ideia é enfatizada pelas jovens Luíza e Esmeralda quando destacam que

*As pessoas hoje acho que andam sem tempo, é só trabalho, quem é casado tem a casa, tem os filhos, tem o esposo, tem as obrigações, então hoje tá difícil encontrar tempo pra isso, mas é preciso, não dá pra ficar só nessa correria, né? (Risos) (LUÍZA, Entrevista, 04 de Out. de 2018).
Oh, o tempo de lazer que a gente tem hoje em dia é bastante pouco, eu acho que a gente precisava de mais tempo de lazer porque às vezes a gente fica muito carregado com tarefas e não tem a, tem vezes que a gente vai pra faculdade, pra escola, vai de manhã volta à noite, só tem o tempo de dormir e depois começa aquele, aquele roteiro tudo de novo né, não tem um tempo pra você (ESMERALDA, Entrevista, 02 de Out. de 2018).*

Vale ressaltar que o modo como cada jovem analisa o tempo destinado ao lazer pelos sujeitos hoje em dia, é influenciado pelo modo como elas mesmas vivenciam o lazer, ou seja, uma jovem casada, que não estuda, como é o caso de Luíza, tem uma concepção diferente de uma jovem solteira, e que estuda, a exemplo de Esmeralda. Se forem observadas as falas das jovens é perceptível, que, embora estejam falando do tempo destinado ao lazer pelas pessoas de modo geral, elas acabam por individualizar o discurso, destacando a realidade vivenciada por meio do cuidado com a família, com o esposo, as responsabilidades e a rotina da universidade, dentre outros compromissos.

Considerando os mesmos princípios ao falarem sobre o tempo destinado ao lazer pelas pessoas de modo geral, a respeito do tempo destinado ao lazer pelos/pelas jovens de Mutãs, Esmeralda tece as seguintes considerações:

Só depois da escola mesmo, que é o tempo que alguns né, não são todos, é meninos mesmo, moleques lá e tal tem um tempinho de jogar bola, as meninas ficam mais, ficam mais em casa fazendo, lavando roupa (risos), arrumando a casa, já os rapazes não, eles têm o seu tempo de sair, de divertir com os amigos, pelo menos é a minha forma de ver, né? (ESMERALDA, Entrevista, 02 de Out. de 2018).

Um fato comum entre as jovens é a dependência e a necessidade do tempo após o trabalho, após a escola, e demais responsabilidades, para vivenciar o lazer, de tal modo que todas esperam o final de semana para poderem desfrutar das práticas de lazer. Nesta perspectiva, Pinto (2004, p. 19) expõe que:

O tempo social, analisado na perspectiva grupal, revela a subordinação do sujeito ao tempo das interações intersubjetivas institucionais, pautadas por princípios, valores, regras e estratégias que estruturam ações dos grupos na rede social, variando-se de acordo com as diferentes esferas e posições sociais que cada pessoa integrante do grupo ocupa nesse contexto.

Outra questão relevante surge na fala da jovem Esmeralda, quando revela a diferenciação do tempo destinado ao lazer pelos meninos em relação às meninas. Para expressar essa realidade vivida, a jovem Luíza (Entrevista, 04 de Out. de 2018) expõe:

[...] no meu caso é complicado, não é assim fácil, eu tenho que cuidar da casa, do meu filho, ajudar meu esposo, então é bem difícil, é mais assim aos domingos. Acho que, quando eu vou, eu saio de casa, vou pra casa da minha mãe, lá meu filho vai brincar com os priminhos dele e aí eu vou conversar com meus pais, com meus tios, quando eu levo ele no parquinho e me divirto um pouco e ele fica brincando e eu converso com uma mãe, com outra, é assim, no meu caso tem sido isso (risos).

Essa realidade é bastante enfatizada por Luíza no momento da entrevista, porém, infelizmente não é algo vivenciado apenas por ela, sendo uma vivência compartilhada por muitas mulheres, especialmente no campo. Ao discutir as relações de gênero na agricultura familiar, pela ótica do lazer, do trabalho, bem como dos projetos de futuro, por exemplo, Kuhn e Brumes (2017) destacam a diferenciação de gênero nos modos de experimentar a condição juvenil no campo. Enfatizam ainda as relações de patriarcado nas relações sociais, revelando que há uma separação na formação dos grupos de amizades entre rapazes e moças. Além disso, os espaços de lazer das moças muitas vezes são restritos, por vários fatores de risco na visão dos responsáveis. Os conflitos relacionados ao gênero ocorrem nos diversos espaços, e no âmbito do lazer não é diferente. Devido às várias motivações, há uma disparidade entre os modos de usufruí-lo.

Em um estudo realizado sobre o lazer feminino no meio rural brasileiro a partir de dados secundários, Andrade; Botelho; Fiúza e Pereira consideram que as mulheres “apresentam possibilidades de lazer restritas à casa ou quanto à esfera pública sob a condição de acompanhadas pelo marido ou pelas crianças. Dificilmente elas podem se dedicar a práticas de lazer para si mesmas, “livre” das limitações decorrentes da obediência às normas de caráter de dominação patriarcal. (2009, p. 47-48).

Ainda que os tempos individuais de lazer estejam imersos nas considerações acerca dos tempos dos sujeitos de modo geral, e também da juventude de Mutãs, as jovens interlocutoras, quando perguntado se têm tempo para o lazer, e quais são esses tempos, manifestam-se citando:

Tenho, por exemplo, porque de noite eu tô desocupada, eu não gosto de ficar muito dentro de casa, eu sempre procuro sair, eu vou na sorveteria, sempre aos mesmos lugar mas, pra mim é uma diversão, eu fico na frente da casa, eu vou na igreja. É... é porque de dia normalmente a gente não tem tempo assim, a gente tá ocupado com alguma coisa de trabalho ou atividade doméstica, né, e a maioria dos lugares funciona mais à noite também (KELLY, Entrevista, 12 de Out. de 2018).

Sim, tenho tempo. Em... meu tempo é um tempo até... No final de semana, meus tempo é... no final de semana, assim à noite, durante a semana (MARIA, 26 de Set. de 2018).

Pouco mais tenho. É, algumas atividades que eu deixo de fazer pra ter o lazer (risos) (ESMERALDA, Entrevista, 02 de Out. de 2018).

Segundo Pinto (2004, p. 18), “a perspectiva individual revela que o tempo social não é homogêneo e nem linear, como a princípio muitos argumentos queiram dizer. Essa linearidade não é possível, pois o tempo social expressa tempos pessoais, mais que o tempo da fase de vida”. Dessa forma, o tempo de cada jovem se dá, a partir das relações desenvolvidas com as outras esferas da vida, seja a família, a universidade, ou até mesmo por uma criação de um tempo, até então, não disponível, uma vez que as jovens revelam criar estratégias para desfrutar do lazer, já que muitas vezes o pouco tempo que se tem não o torna possível. Portanto, é válido reforçar que “o tempo não é, pois, cíclico, linear, definindo práticas culturais por meio de intervalos regulares, repetitivos. Sua estruturação implica desejos, escolhas e possibilidades de cada grupo cultural” (PINTO, 2004, p. 19).

Sobre o que fariam, caso tivessem mais tempo, as jovens revelam que praticariam algumas atividades de lazer:

Se eu tivesse mais tempo? Acho que eu preciso praticar alguma forma de, algum esporte, seja lá uma caminhada, um... acho que futebol pra mim, acho que não dá mais (risos), acho que uma caminhada seria, hoje eu não tenho tempo porque não tenho com quem deixar meu filho assim, minha sogra é ocupada, minha mãe mora longe, então de manhã e à tardezinha é um pouco complicado, é o horário que eu gostaria de fazer, né.

Pesquisadoras: E por que você acha que o futebol não dá mais?

Ai sei lá, (risos) eu acho que eu não procuraria o futebol mais não, por minha idade.

Pesquisadoras: Mas você gosta?

Eu gosto, eu gostava muito (LUÍZA, Entrevista, 04 de Out. de 2018).

Diante dos relatos, fica evidente que o fato de terem assumido algumas responsabilidades impossibilitou as jovens de praticarem determinadas atividades. Vale destacar a fala de Luíza, quando diz que a prática do futebol foi uma atividade deixada de lado, já que, embora goste, não pratica mais, devido à idade. Além do futebol, as jovens citam outras atividades que fariam caso tivessem mais tempo como, viajar, caminhar, ler, visitar a família, ir à igreja, dentre outras.

No que concerne às práticas de lazer, Camargo (2003) considera que a categorização elaborada pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier é a mais precisa, quando ele classifica essas atividades em físicas, manuais, intelectuais, artísticas e sociais, tendo em vista o interesse cultural de cada atividade. O que Dumazedier (2008a, p. 101-102) pondera é que “vários conteúdos de atividades podem corresponder a um mesmo interesse. Ao contrário, um mesmo conteúdo de atividades é capaz de suscitar interesses diferentes”.

Para Gomes (2008, p. 125):

o lazer vai além da mera realização de atividades, sendo um campo da vida humana e social dotado de características próprias, que ocorre em um tempo/espaço específico. Assim, o lazer inclui a fruição de diversas manifestações da cultura, tais como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e as diversas formas de artes (pintura, escultura, literatura, dança, teatro, música, cinema), entre outras inúmeras possibilidades.

Por meio da entrevista, as jovens puderam citar algumas atividades que consideram como as principais praticadas pela juventude mutanense, e também outras práticas de lazer individuais (Quadro 2).

Por meio da observação do quadro, é possível perceber que as jovens destacam muitas atividades que, na visão delas, são vivenciadas pela juventude local, porém essas práticas, na maioria das vezes, não têm compatibilidade em relação àquelas vivenciadas por elas, como se a juventude fosse um grupo à parte. Todavia, isso também revela os traços subjetivos que orientam a escolha de cada uma, e conseqüentemente o desenvolver de determinada atividade.

A condição de mulher, casada e mãe, por exemplo, confere a Luíza a possibilidade de citar o futebol, sair com os/as amigos/as, andar de bicicleta, como práticas que a juventude de Mutãs desfruta, mas, quando se refere às atividades que ela realiza como forma de lazer, destaca ir à casa da mãe ou ir ao parquinho com o filho, ou seja, os condicionamentos sociais também restringem o acesso à vivência de determinadas atividades. Situação semelhante acontece com Esmeralda, Maria, e com Kelly, que também estão inseridas nessa condição do ser mulher, e ainda do matrimônio, no caso de Kelly e Maria, que também são mães.

Quadro 2: Práticas de lazer da juventude de Mutãs e das jovens pesquisadas

JOVENS	PRÁTICAS DA JUVENTUDE DE MUTÃS	PRÁTICAS INDIVIDUAIS
LUÍZA	Futebol, sair com os amigos, andar de bicicleta.	Ir à casa da mãe, ir ao parquinho com o filho.
MARIA	Jogar futebol	Ir à igreja, fazer caminhada
KELLY	Andar de moto	Ler, ir à igreja, ir à sorveteria
ESMERALDA	Sair para a praça, jogar futebol	Dormir, ir à igreja, ir às praças para tomar sorvete, desenhar, ir para a faculdade.

Fonte: Dados coletados por meio das entrevistas, 2018.

Além da condição de mulher, casada, mãe, e da escolha de cada uma, outro fator que de certa forma restringe a frequência a determinados ambientes, bem como a vivência de algumas práticas, é a dimensão religiosa. É possível notar, nos casos de Maria, Kelly e Esmeralda, que são evangélicas, como esse aspecto torna particular os modos como vivenciam o lazer, sendo a igreja um espaço frequentado pelas três.

Um elemento que emana de praticamente todas as atividades destacadas pelas jovens, é o desejo pela coletividade, uma vez que revelam a importância de estar entre amigos, ou família. Relacionado a isso, a jovem Kelly (Entrevista, 12 de Out. de 2018) expõe: *Eu vou na sorveteria mais porque até porque lá é de minha sogra, né!? e eu vou lá nem tanto pra tomar sorvete, nada, só pra ficar lá mais ela, olhando o movimento ali, conversando.* A fala de Kelly deixa ecoar que o fato de a sorveteria ser da sogra confere a ela certa segurança para frequentar esse espaço, e ficar por lá conversando e observando as pessoas que passam. Portanto, a frequência em certos ambientes não restringe as jovens de praticarem apenas as atividades que são obviamente sugestivas, e sim apresenta outras possibilidades, que poderão ser ou não compatíveis como a realidade de cada uma.

Ao serem questionadas acerca da importância do lazer em relação aos seus modos de vida no campo, todas as jovens consideram o lazer como algo importante. Sobre isso uma jovem relata:

É muito importante porque eu vivo, por exemplo, numa correria, às vezes a rotina deixa a gente estressada, cansada, tem dias que eu tô cansada, né, cansada demais, então, se eu tivesse o tempo assim pra sair, mais tempo pra sair, eu iria com mais frequência na praça, conversar com alguns amigos, levo sempre meu filho no parquinho, é lá que eu me divirto mais, sabe, é só, se eu pudesse mesmo, assim praticar algum esporte, seria caminhar, correr, dava uma aliviada a mais no cansaço, no estresse, na correria do dia a dia, eu acho (LUÍZA, Entrevista, 04 de Out. de 2018).

Embora os desafios enfrentados para a vivência das práticas de lazer, como a falta de tempo, e a própria dinâmica de vida, como relatado por Luíza, todas as jovens destacam a sua importância, relacionando-o especialmente ao bem-estar e à saúde. Para isso, destacam a relação do lazer com a qualidade de vida, com o descanso, com a saúde psicológica, com a felicidade, com o alívio, com a ausência de preocupação, e com a reflexão.

A pesquisa realizada por Oliveira (2006, p. 56) revela que “os jovens rurais apontam o lazer como um dos meios de se aliviar o estresse e a tensão do dia-a-dia. O ritmo de vida no campo e na cidade é bastante diferente, o que não quer dizer que os moradores do meio rural não tenham problemas, ou que estejam isentos do estresse”. As jovens mutanenses também veem no lazer uma forma de se livrar do estresse acumulado no cotidiano, e como uma ponte de acesso a uma vida feliz.

Levando em consideração que todas as jovens da pesquisa consideram o lazer importante, foi questionado como seriam suas vidas caso não tivessem lazer. A partir disso, algumas destacam:

Aí seria muito sem graça, sinceramente eu passo o dia todim aqui em casa, eu fico esperando a hora de eu sair daqui, fazer uma coisa, até porque dentro de casa a gente também pode divertir, né, tem o computador pra assistir um filme, uma coisa assim ou ler um livro, mais eu gosto de sair assim (KELLY, Entrevista, 12 de Out. de 2018).

Ai, não consigo nem imaginar, porque agora eu já me vejo estressadíssima e eu acho que seria um horror, porque eu já vivo estressada, cansada, na correria, parece que às vezes eu levanto mais cansada do que eu deito, a noite não foi suficiente pra meu descanso, então, se eu não tivesse um tempo pra sair, ainda eu nem sei como seria e se eu tivesse mais tempo, seria, se hoje já tá..., hoje eu acho que não tá cem por cento, não tá muito bom, então se tivesse melhor pra mim, seria uma maravilha, se eu tivesse mais tempo pra curtir, pra me divertir, eu seria mais... mais feliz, mais disposta, mais... mais alegre. Enfim, seria melhor (LUÍZA, Entrevista, 04 de Out. de 2018).

Há, portanto, uma necessidade por parte das jovens em vivenciar o lazer, e só em pensarem na possibilidade de não ter tempo para isso, ou de não experienciar determinadas práticas, tal possibilidade as deixa assustadas, como demonstrado no momento da entrevista. Dessa forma, os modos de vida dessas jovens estão condicionados às experiências e às perspectivas frente ao lazer, no contexto do campo.

Algumas considerações de um debate que continua

Esta pesquisa se propôs a analisar os tempos e práticas de lazer de jovens mulheres do campo de Mutãs-BA. Para isso, fez-se necessário identificar os tempos de lazer das jovens; descrever as principais práticas de lazer vivenciadas pelas jovens, discutindo, assim, as relações entre o lazer e seus modos de vida no campo.

A pesquisa sinaliza a ausência ou o pouco tempo disponível para o lazer feminino, a interferência do trabalho, do contexto, e dos compromissos, e principalmente a restrição do tempo de lazer a finais de semana e férias. Mostra a importância de espaços como a praça, a igreja, dentre outros, nos quais as jovens vivenciam as práticas do lazer e constroem seus modos de vida no campo.

Portanto, a frequência das jovens a esses ambientes sofre interferências tanto dos limites do próprio contexto, como das condições de vida das mulheres interlocutoras da pesquisa, que revelam as fronteiras à vista na vivência do lazer, como o compromisso com a universidade, com a família, com os filhos, dentre outras.

Desse modo, é imprescindível que a gestão do município de Guanambi, sob representação da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer de Guanambi, busque efetivar os projetos de lazer que tenham em vista contemplar o Distrito de Mutãs, além de articular novas parcerias de modo a pensar na elaboração de políticas públicas que contemplem a todos/as, de modo particular a Juventude do Campo, principalmente as mulheres que lutam diariamente para usufruir desse direito.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. CASTRO, Mary Garcia. WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?** Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015. Disponível em: http://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf. Acesso em: 12 abr. 2016.
- ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. MELO, Victor Andrade de. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.
- ANDRADE, R. J. BOTELHO, M. I. V. FIÚZA, A. L. PEREIRA, E. T.. **Relações sociais de gênero no meio rural brasileiro: a mulher camponesa e o lazer no início do século XXI no Brasil**. *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, 23(1), 39-49 (2009). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16709/18422>> acesso em 05 de agosto de 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. [tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro.]. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. **Estatuto da juventude**. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, e legislação correlata. – 2. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. – (Série legislação; n. 166). Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/14918/estatuto_juventude_2ed.pdf?sequence=13>. Acesso em: 14 mar. 2018.
- BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**. Brasília: Senado Federal Secretaria Especial De Informática, 2013. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2015.
- BRENNER, Ana Karina. DAYRELL, Juarez. CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**/ Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco (org.). São Paulo: Ed. fundação Perseu Abramo, 2011. p. 175- 214.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- CARNEIRO, Maria José. CASTRO, Elisa Guaraná de. Et al. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**/ Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer** / Joffre Dumazedier; [tradução Silvia Mazza e J. Guinsburg]. 3. ed. – São Paulo: Perspectiva: SESC, 2008 a.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular** / Joffre Dumazedier; [tradução Maria de Lourdes Santos Machado]. 3. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2008 b.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 4. ed. Curitiba: Ed Positivo; 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOMES, Christianne L. Verbete Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.119-126.
- GOMES, Christianne Luce. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. 2 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer**: Necessidade humana e dimensão da cultura. Revista Brasileira de Estudos do Lazer – RBEL. Belo Horizonte, v. 1, p. 3 – 20, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/327>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

IBGE. **Censo Demográfico de 2010**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pimpfbr/brasil>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

KUHN, Claudete. BRUMES, Karla Rosário. Juventude Rural e Relações de Gênero: Uma Breve Discussão pela Ótica do Lazer, Trabalho e Projetos de Futuro. In: **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v.8,n.1,p.79-103,2017.ISSN2177-2886. Disponível: <<http://177.101.17.124/index.php/rlagg/article/view/8538>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1987.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NOVAES, Regina. VANNUCHI, Paulo. **JUVENTUDE E SOCIEDADE**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/ Instituto Cidadania, 2004.

PAIS, Machado José. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: **Culturas jovens**: novos mapas do afeto/ Maria Isabel Mendes de Almeida, Fernanda Eugenio (org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 7- 21.

PAIS, J. M. **A construção sociológica da juventude – alguns contributos**. Análise Social, vol. XXV(105-106), 1990 a (1.º, 2.º), 139-165. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/25293257/752731297/name/texto+pais+100.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

PAIS, José Machado. **Lazeres e sociabilidades juvenis**: um ensaio de análise etnográfica. Análise Social, vol. 25, n. 108-109, p. 591-644, 1990 b.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais. *Ponto Urbe* [Online], 1 | 2007, posto online no dia 30 Julho 2007, consultado o 31 Outubro 2017. URL: <<http://pontourbe.revues.org/1203>>; DOI : 10.4000/pontourbe.1203. Acesso em: 01 nov. 2017.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. **SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE TEMPO DE LAZER NA ATUALIDADE**: estudo com jovens belo-horizontinos. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2004.

SILVA, Catarina Malheiros da. **Escola, Saberes e cotidiano no meio rural**: um estudo sobre os(as) jovens do sertão da Bahia. Universidade de Brasília. 2009. (Dissertação de Mestrado), 167p.

SILVA, Priscila T. da. **Entre a escola e o canavial**: educação escolar na visão de jovens cortadores de cana. (monografia do curso de pedagogia). Orientador: Domingos Rodrigues da Trindade. Universidade do Estado da Bahia: Guanambi, 2011. 82p.

SILVA, Priscila Teixeira da. **O olhar da escola sobre a juventude do campo na comunidade de Mutãs - Bahia**: linhas que se cruzam, tessituras a se fazer. [Relatório Técnico]. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa, BA: 2015.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.